

economia

Brasileiros enfrentam baixa proteção financeira

Índice elaborado pela Planejar mostra que controle do orçamento não se traduz necessariamente em segurança econômica

/ PLANEJAMENTO FINANCEIRO

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

Saber quanto entra e quanto sai da conta não significa estar preparado para quando o dinheiro deixa de entrar. Essa distância entre organizar as finanças do presente e construir segurança para o futuro é um dos principais achados da primeira edição do Índice Planejar, lançado na quinta-feira pela Associação Brasileira de Planejamento Financeiro (Planejar).

Em uma escala de zero a 100, o brasileiro alcançou 52,7 pontos, resultado considerado intermediário. Por trás da média, porém, há um desequilíbrio importante: enquanto a gestão orçamentária obteve 70,1 pontos - a melhor avaliação entre as cinco dimensões analisadas -, reservas e resiliência ficaram em apenas 39,3, na última posição. Proteção e seguros marcou 63 pontos; endividamento, 47,8; e planejamento de longo prazo, 43,3.

A diferença revela um brasileiro que, em geral, consegue administrar melhor o cotidiano do que se preparar para uma perda de renda. Um dado ajuda a dimensionar o problema: 75,7% dos entrevistados possuem algum produto de poupança ou investimento, mas o indicador relaciona-



População de 25 a 44 anos é a mais pressionada, segundo a Associação Brasileira de Planejamento Financeiro

do ao “fôlego para viver sem renda” ficou em apenas 21,3 pontos.

“Uma pessoa pode falar: ‘Tenho dinheiro na poupança’. Mas isso é suficiente para sustentá-la durante três meses sem trabalho? Provavelmente não”, exemplificou o consultor do projeto, Hilton Notini, durante a apresentação dos resultados. Para ele, a existência de um investimento não significa necessariamente que a reserva tenha tamanho ou características adequadas para cumprir sua função em uma emergência.

O levantamento também en-

controu fragilidade quando o assunto sai do próximo mês e avança algumas décadas. O planejamento de longo prazo registrou 43,3 pontos, enquanto a previdência privada, isoladamente, marcou apenas 15,3, um dos resultados mais baixos entre os itens avaliados.

Para a CEO da Planejar, Ana Leoni, a maior longevidade torna essa lacuna ainda mais relevante. A preocupação não deve estar apenas em acumular patrimônio, mas também em administrá-lo quando a renda do traba-

lho desaparecer.

“O uso do dinheiro precisa ser muito responsável e planejado porque existe o risco de as pessoas viverem mais e o dinheiro acabar antes. O desafio, portanto, é fazer com que o recurso seja tão longo quanto o seu dono”, argumenta.

O estudo também contraria a ideia de que o planejamento financeiro melhora continuamente conforme a idade avança. A pior pontuação foi registrada justamente entre os brasileiros de 25 a 44 anos, com 51,3 pontos. Os jo-

vens de 18 a 24 anos alcançaram 53,6; o grupo de 45 a 60 anos, 53; e as pessoas com 61 anos ou mais tiveram o melhor resultado, de 57,6.

A explicação levantada pelos responsáveis pelo índice está na concentração de responsabilidades. É entre os 25 e os 44 anos que tendem a se acumular formação de família, financiamentos, consolidação da carreira, despesas com filhos e projetos pessoais, ao mesmo tempo em que é necessário começar a guardar dinheiro para décadas futuras.

“Se pensarmos em uma vida que pode chegar aos 100 anos, estamos falando de aproximadamente 40 anos de produção de renda para financiar a vida presente e preparar outros 35 anos, dos 65 aos 100”, observou Ana. Segundo ela, a relação se aproxima de “um para um”: durante a vida produtiva, é preciso gerar recursos para sustentar simultaneamente o presente e o futuro.

A primeira edição foi elaborada a partir de 2 mil entrevistas conduzidas pelo Datafolha, com adultos das classes A, B e C com acesso à internet. A coleta ocorreu entre 16 e 29 de julho de 2025, com abrangência nacional e margem de erro de dois pontos percentuais. O recorte, portanto, não inclui as classes D e E nem brasileiros sem acesso à internet.

Exportações de calçados atingem pior resultado desde a pandemia da Covid-19

/ INDÚSTRIA

As exportações de calçados ao exterior entre janeiro e agosto deste ano chegaram a 62,45 milhões de pares, que geraram US\$ 541,45 milhões, queda de 7,5% em volume e de 16,8% em receita no comparativo com o mesmo período do ano passado. No recorte de agosto, as exportações somaram 7,13 milhões de pares e US\$ 70,8 milhões, quedas de 6,6% e 8,1%, respectivamente, na comparação com o mesmo mês de 2025. Os dados são considerados os piores resultados desde 2020, ano impactado pela pandemia da Covid-19.

O presidente-executivo da Abicalçados, Haroldo Ferreira, disse que o movimento de queda está associado, principalmente, às dificuldades com as exportações para os Estados Unidos e para a Argentina. “No acumulado do ano, Estados Unidos e Argentina são res-

ponsáveis pela perda de US\$ 111 milhões em exportações, em comparação com o mesmo período do ano passado”, ressalta.

Segundo Ferreira, apesar dos esforços do setor para a diversificação de destinos, o crescimento em terceiros mercados, em especial da América Latina, não compensou integralmente as perdas nos Estados Unidos e na Argentina, os dois principais destinos internacionais das exportações de calçados. “Nos Estados Unidos, seguimos sentindo reflexos do tarifaço, enquanto na Argentina existe uma queda no consumo e uma predominância cada vez maior de calçados provenientes da Ásia, impulsionados pela redução tarifária aos produtos extra-Mercosul”, acrescenta.

Os dados foram elaborados pela Associação Brasileira da Indústria e Comércio de Calçados (Abicalçados), com base nos registros da Secretaria de Comércio

Exterior (Secex). Em agosto, o principal destino do calçado brasileiro foi os Estados Unidos. No mês, foram embarcados 1,13 milhão de pares, que geraram US\$ 19,42 milhões. O volume ficou 40,5% acima do registrado no mesmo mês de 2025, enquanto a receita sofreu retração de 9,2%.

Em agosto, o preço médio do calçado embarcado para os Estados Unidos caiu 35,4%, para US\$ 17,20. Segundo Ferreira, o movimento está associado à maior retração de categorias de maior valor unitário, especialmente calçados de couro, e à mudança do perfil das vendas para o mercado, além da baixa base de comparação do mês de agosto do ano passado. No acumulado do ano, as exportações para os Estados Unidos somaram 7,38 milhões de pares e US\$ 120,5 milhões, quedas de 4,1% em volume e de 22,8% em receita no comparativo com o mesmo período

de 2025.

O segundo destino de agosto foi a Argentina. No mês, foram embarcados para o país 1,25 milhão de pares, que geraram US\$ 11,5 milhões, quedas de 23% e 37,6% respectivamente, no comparativo com o mês de agosto de 2025. No

acumulado do ano, os argentinos importaram 4,52 milhões de pares por US\$ 60,3 milhões, quedas de 51,6% e 55,6% na comparação com o mesmo intervalo do ano passado. Fechando o ranking dos três principais destinos aparece o Paraguai.



Queda está ligada às dificuldades com os embarques para EUA e Argentina